

## FICHA TÉCNICA

Título original: *Unijennie i oskorbliónnie*

Autor: *Fiódor Dostoiévski*

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2008

Tradução do russo: *Nina Guerra e Filipe Guerra*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Outubro, 2008

2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Setembro, 2016

Depósito legal n.º 282 404/08

Reservados todos os direitos  
desta edição à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

## PRIMEIRA PARTE

# Capítulo 1

No ano passado, na noite de 22 de Março, algo de muito estranho me aconteceu. Andara pela cidade à procura de casa durante todo o dia. A minha era muito húmida, e eu, naquela altura, começava a ter uma tosse muito feia. Já no Outono tinha pensado mudar de casa, mas deixei correr e não fiz nada até à Primavera. Andei um dia inteiro à procura sem achar nada de razoável. Primeiro, gostaria de uma casa própria e não subalugada; segundo, poderia ser apenas um quarto, mas espaçoso e, evidentemente, o mais barato possível. Havia notado que numa casa apertada até os próprios pensamentos se sentiam apertados. Ora eu, quando reflecto nas minhas futuras novelas, gosto de andar de um lado para o outro do quarto. A propósito: para mim sempre foi mais agradável pensar nas minhas obras, sonhá-las, do que escrevê-las realmente e, juro, não é por preguiça. Porque será então?

Já de manhã me sentia adoentado, mas à hora do pôr do Sol estava mesmo bastante mal, com uma espécie de febre. Além disso, como tinha andado todo o dia, fiquei cansado. Ao fim da tarde, quase ao cair do crepúsculo, ainda eu caminhava pela Avenida Voznessênski. Gosto do sol de Março em Petersburgo, sobretudo quando declina, desde que o tempo esteja claro e frio, evidentemente. Toda a rua brilha, banhada de repente por uma luz forte. Os prédios ganham como que um resplendor súbito, o cinzento, o amarelo e o verde-sujo das casas perdem por um instante a soturnidade; e parece que a alma se desanuvia, parece que nos anima um qualquer sobressalto, ou que alguém nos empurra com o cotovelo. Um novo olhar, novas ideias... É espantoso o que um raio de luz pode provocar na alma de um homem!

Porém, logo o raio de luz se apagou; o frio aumentava e começava a picar-me o nariz; o crepúsculo adensava-se; as luzes do gás já

brilhavam nas montras das lojas. Quando cheguei por altura da confeitaria do Miller, parei bruscamente e fiquei a olhar para o outro lado da rua, como que pressentindo qualquer coisa extraordinária, e foi então que vi no passeio oposto o velho com o cão. Lembro-me muito bem de que o meu coração teve um aperto desagradável e de que não percebi que género de sensação era aquela.

Não sou místico, quase não acredito em pressentimentos nem em predições do futuro; porém, como acontece com toda a gente, têm-me ocorrido na vida coisas bastante inexplicáveis. Este velho, por exemplo: porque senti de imediato, ao vê-lo, que nessa noite me iria acontecer qualquer coisa fora do vulgar? De resto, eu estava enfermo e, como se sabe, as sensações doentias são sempre enganosas.

O velho, num passo lento, débil, movendo as pernas como se fossem dois paus, sem as dobrar, com as costas curvas e batendo ao de leve com a bengala nas lajes do passeio, aproximava-se da confeitaria. Nunca na vida eu tinha encontrado figura tão estranha e absurda. Já antes deste encontro, quando o via na confeitaria do Miller, o velho me espantava dolorosamente. A sua alta estatura, as costas curvas, o lívido rosto octogenário, o sobretudo velho, descosido nas costuras, o chapéu redondo deformado por vinte anos de uso, cobrindo-lhe a cabeça calva em que ainda se vislumbrava, na nuca, um tufo de cabelos nem sequer grisalhos mas branco-amarelados, os seus movimentos sem nexos como se fossem impulsionados por uma mola — tudo isso pasmaria inevitavelmente qualquer um que o encontrasse pela primeira vez. Era de facto estranho ver um velho assim, já no fim dos seus dias, sozinho, sem amparo, ainda por cima com ar de louco fugido aos seus vigilantes. Também me impressionava a sua incrível magreza: quase descarnado, pele e osso colados. Com os olhos, grandes mas baços, incrustados em dois círculos azuis, olhava sempre em frente, nunca para os lados, não vendo nada — disso tenho a certeza. Mesmo que estivesse a olhar para alguém, avançava a direito contra essa pessoa, como se apenas houvesse à sua frente espaço vazio. Nisto reparei eu várias vezes. Começara a frequentar a confeitaria do Miller havia pouco, ninguém sabendo donde ele surgira, e sempre acompanhado pelo cão. Nenhum dos clientes da confeitaria falava com ele, ele também não falava com ninguém.

«Porque se arrasta ele para o Miller, o que quer de lá?», pensava eu, parado no outro lado da rua e incapaz de desviar os olhos da figura do velho. Uma espécie de irritação (resultado do cansaço e da doença) começou a crescer dentro de mim. «O que está ele a pensar, o que tem na cabeça?», continuava eu nas minhas reflexões. «E será que ainda pensa? A cara dele é tão morta que não exprime absolutamente

nada. E onde arranjou aquele cão nojento que não se afasta dele um passo, como se fizesse parte inseparável do velho e que é tão parecido com ele?»

O desgraçado do cão também parecia ter oitenta anos; aliás, devia tê-los. Primeiro, não há cães com aquele ar tão senil; segundo, porque me teria dado aquele cão a ideia, a primeira vez que o vi, de não ser como os outros, de ser um cão necessariamente invulgar, um cão com qualquer coisa de fantástico, de enfeitado? De ser talvez um Mefistófeles encarnado em cão cujo destino, por qualquer via desconhecida e misteriosa, estava ligado ao do dono. Olhando para ele, toda a gente concluiria de imediato que talvez já se tivessem passado vinte anos desde que o cão comera pela última vez. Era magro como um esqueleto ou, melhor ainda, magro como o dono. Caíra-lhe quase todo o pêlo, inclusive na cauda que pendia como um pau, metida entre as pernas. A cabeça de orelhas longas estava sempre baixa. Nunca vi cão mais nojento. Quando ambos andavam pela rua — o dono à frente, o cão atrás — o nariz do canídeo tocava a casaca do dono como se estivesse colado. O andar e todo o aspecto de ambos pareciam declamar a cada passo que davam:

Que velhos, meu Deus, que velhos somos!

Lembro-me também de que um dia me passou pela cabeça que o velho e o cão poderiam ter arranjado maneira de se escaparem de um livro de Hoffmann ilustrado por Gavarni e de se passearem agora pelo mundo como anúncios ambulantes da edição. Atravessei a rua e entrei, atrás do velho, na confeitaria.

O velho já ganhara uma estranha fama na confeitaria, e Miller, atrás do seu balcão, começara ultimamente a fazer uma careta de descontentamento quando o cliente indesejável entrava. Em primeiro lugar, o estranho cliente nunca pedia nada. Ia direito ao canto onde estava o fogão e ocupava logo ali uma cadeira. Se o lugar junto ao fogão estivesse ocupado, o velho ficava parado algum tempo, numa perplexidade absurda, em frente da pessoa que ocupava o seu lugar, depois afastava-se, como que baralhado, para o outro canto, junto à janela. Ali, escolhia uma cadeira, sentava-se devagarinho, tirava o chapéu, punha-o no chão a seu lado, colocava a bengala junto ao chapéu e, encostando-se ao espaldar da cadeira, ficava imóvel durante três ou quatro horas. Nunca pegava num jornal, nunca pronunciava uma palavra, nunca emitia um som, apenas ficava sentado a olhar em frente com os olhos bem abertos, mas tão embotados, tão privados de vida que se podia apostar à confiança que não via nem ouvia nada

à sua volta. Quanto ao cão, depois de dar três ou quatro voltas sobre si mesmo, deitava-se com soturnidade aos pés do dono, enfiava o focinho entre as suas botas, suspirava fundo e, esticado no chão a todo o comprido, também se imobilizava até à noite, como se morresse durante este período. Parecia que as duas criaturas jazeriam algures esticadas e mortas e, quando se aproximava a hora do ocaso, ressuscitavam bruscamente, apenas para se arrastarem até à confeitaria do Miller e cumprirem ali uma qualquer obrigação misteriosa e desconhecida do resto do mundo. Depois de três ou quatro horas, o velho, finalmente, levantava-se, apanhava o chapéu e a bengala e ia-se embora. O cão também se levantava e, sempre de rabo entre as pernas e cabeça baixa, seguia-o maquinalmente num passo vagaroso. Os clientes da confeitaria acabaram por contornar o velho e por não se sentar ao lado dele, como se desse asco. O velho, no entanto, não reparava em nada disso.

Os clientes da confeitaria do Miller são na sua maioria alemães, vindos de toda a Avenida Voznessênski, todos donos de oficinas diversas: serralheiros, padeiros, tintureiros, chapeleiros, seleiros — tudo gente patriarcal, no sentido alemão da palavra. Na casa do Miller, regra geral, observavam-se os costumes patriarcais. O dono ia muitas vezes sentar-se às mesas dos clientes que conhecia e, nessas visitas, eram emborcadas grandes quantidades de ponche. Os cães e os filhos do confeito também iam por vezes até às mesas, e os clientes acariciavam as cabeças das crianças e dos cães. Todos se conheciam, todos se respeitavam. E quando os clientes mergulhavam na leitura dos jornais alemães, para lá das portas, no interior do apartamento de Miller, soavam os chilreios do «Augustin», repenicados ao piano pela filha mais velha, uma alemãzinha de caracóis loiros muito parecida a um ratinho branco. A valsa era ouvida com prazer. Eu ia à confeitaria do Miller nos primeiros dias de cada mês para ler as revistas russas que ele assinava.

Quando entrei na confeitaria vi que o velho já estava sentado ao pé da janela, com o cão estendido a seus pés, como de costume. Sentei-me em silêncio a um canto e fiz a pergunta a mim mesmo: «Para que entrei se não tenho nada que fazer aqui, se estou doente e se preciso é de ir para casa quanto antes, tomar chá e deitar-me? Será que entrei aqui apenas para contemplar este velho?» Começou a reverter em mim a irritação. «O que é que o velho me interessa?», pensava eu, recordando a sensação estranha e doentia com que fiquei a olhar para ele na rua. «E o que me interessam todos estes alemães enfadonhos? Porque me deu este estado de espírito fantástico? Porquê, ultimamente, esta minha preocupação barata por nada e que, bem o noto, não me

deixa viver e ver a vida com clareza, como observou com profundidade um crítico a meio da sua análise indignada à minha última novela?» Assim reflectindo e lamentando, eu continuava no entanto sentado, vencido cada vez mais pela doença, pelo que acabou por se me tornar difícil abandonar a sala quentinha. Peguei num jornal de Frankfurt, li duas linhas e caí em modorra. Os alemães não me incomodavam. Liam, fumavam e, raramente, de meia em meia hora, diziam uns aos outros alguma notícia de Frankfurt, algum *Witz* ou *Scharfsinn*<sup>1</sup> do famoso humorista alemão Safir; depois disso, com o redobrado orgulho nacional, voltavam a mergulhar na leitura.

Dormitei cerca de meia hora e acordei com arrepios de frio intensos. Tinha de ir para casa, sem dúvida. No instante em que o pensei, porém, uma cena silenciosa na sala deteve-me de novo. Já disse que o velho, mal ficava pregado à cadeira, fixava os olhos num ponto e já não os desviava mais até ao fim. Também a mim já calhara ser alvo daquele olhar estupidamente cego e persistente: a sensação era desagradável, era mesmo insuportável, e eu mudava de lugar o mais depressa possível. Agora, no entanto, a vítima do velho era um alemãozinho pequeno, redondinho e extremamente asseado, com colarinhos verticais engomadíssimos e cara muito vermelhusca, comerciante de Riga, de nome Adam Ivánitch Schulz, conforme viria a saber mais tarde; era amigo próximo de Miller, mas ainda não conhecia o velho nem muitos dos fregueses. Lia com prazer o *Dorfbarbier* e bebericava o seu ponche. De súbito, levantando a cabeça, deu com o olhar fixo do velho espetado nele. Ficou perplexo. Adam Ivánitch era um homem muito susceptível, muito melindroso, como o são em geral todos os alemães «decentes». Pareceu-lhe estranho e ofensivo ser observado tão atentamente e com tanta sem-cerimónia. Com uma indignação contida, desviou os olhos do cliente indelicado, murmurou qualquer coisa para si mesmo e barricou-se em silêncio por trás do jornal. Não aguentou muito porque, dois minutos depois, já espreitava de trás do jornal com desconfiança: lá estava cravado nele o mesmo olhar persistente, a mesma observação absurda. Também desta vez Adam Ivánitch não disse nada. Porém, quando a situação se repetiu pela terceira vez, corou e entendeu que tinha a obrigação de defender a sua dignidade e de não desacreditar, aos olhos do respeitável público, a bela cidade de Riga, de que se considerava representante. Com um gesto impaciente largou o jornal, produzindo o barulho enérgico do pauzinho a que este estava preso, e, num ardor de dignidade, todo vermelho devido ao ponche e ao orgulho, fixou por sua vez os olhinhos

---

<sup>1</sup> Chalaça (al.).

inflamados no velho impertinente. Parecia que ambos os adversários queriam levar a melhor usando a força magnética dos seus olhares, a ver quem se confundiria primeiro e baixaria os olhos. O choque do suporte de madeira do jornal contra a mesa e a posição excêntrica de Adam Ivánitch atraíram a atenção dos restantes clientes. Todos largaram de imediato os seus afazeres e se puseram a observar com curiosidade solene e taciturna os dois contendores. A cena estava a tornar-se cómica. Ora bem, o magnetismo dos olhinhos desafiadores do vermelhusco Adam Ivánitch foi gasto em vão. O velho, sem se preocupar com nada, continuava a olhar frontalmente para um senhor Schulz enfurecido e — como se a sua mente estivesse na Lua e não na Terra — não reparava de modo algum que se tornara alvo da curiosidade geral. A paciência de Adam Ivánitch acabou por se esgotar, e o alemão explodiu.

— Porque está a olhar-me com tanta atenção? — gritou em alemão numa voz ríspida, estridente e ameaçadora.

O seu adversário, porém, continuava calado, como se não tivesse ouvido ou percebido a pergunta. Adam Ivánitch resolveu fazer a pergunta em russo.

— Pergunta eu a você porque me observa tão fixo? — gritou com fúria redobrada. — Eu conhecido na corte e o senhor não conhecido na corte! — acrescentou, saltando da cadeira.

O velho, porém, nem se mexeu. No meio dos alemães ouviu-se um rumor de indignação. O próprio Miller, atraído pelo barulho, entrou na sala. Ao ver o que se passava, pensou que o velho era surdo e inclinou-se-lhe para o ouvido.

— Senhor Schulz pede não o observar fixo — pronunciou, elevando muito a voz e perscrutando a cara do incompreensível cliente.

O velho olhou maquinalmente para Miller e, de repente, na sua cara até então parada, revelaram-se sinais de um pensamento inquieto, de uma emoção preocupada. Todo agitado, inclinou-se a gemer para o chapéu, apanhou-o, apanhou também a bengala, levantou-se da cadeira e, com um sorriso humilde — o sorriso humilhado do pobre-tão a quem escorraçam de um lugar que ocupara por engano —, preparou-se para sair. Nesta pressa submissa e obediente do pobre velho decrépito havia tanta coisa de meter pena, tanta coisa de quase nos fazer parar o coração, que toda a clientela, e Adam Ivánitch em primeiro lugar, mudou imediatamente de atitude. Era claro que o velho não só não podia ofender fosse quem fosse como compreendia que podia a cada instante ser expulso de todos os lugares como um miserável.

Miller era um homem bondoso e compassivo.

— Não, não — disse ele, dando palmadinhas no ombro do velho para o animar —, fica sentado! *Aber Herr*<sup>2</sup> Schulz só pedir muito não olhar ele fixo. É conhecido na corte.

O pobre coitado, porém, continuava a não perceber; azafamou-se ainda mais, inclinou-se para apanhar o velho e esburacado lenço azul que lhe caíra do chapéu, e pôs-se a chamar o cão que continuava estendido e imóvel no chão, pelos vistos a dormir profundamente, tapando o focinho com ambas as patas.

— *Azorka, Azorka!* — ceceava o velho numa voz trémula, senil.  
— *Azorka!*

*Azorka* não se mexeu.

— *Azorka, Azorka!* — repetiu com angústia o velho e tocou no cão com a ponta da bengala, mas o cão continuou na mesma.

A bengala caiu das mãos do velho. Inclinou-se, pôs-se de joelhos e, com ambas as mãos, soergueu o focinho de *Azorka*. Coitado do *Azorka!* Estava morto. Morrera despercebidamente aos pés do dono, talvez de velhice, talvez de fome. O velho ficou a olhar para ele, aturdido, durante um minuto, como se não percebesse que *Azorka* tinha morrido; depois inclinou-se devagarinho para o seu antigo servidor e amigo e encostou a sua cara branca ao focinho sem vida do cão. Mais um minuto de silêncio. Estávamos todos comovidos... Por fim, o pobre coitado levantou-se. Estava muito pálido e parecia febril.

— Pode-se empalhar — disse o compassivo Miller, querendo consolar o velho de alguma maneira. — Pode-se fazer cão empalhado muito bom; Fiódor Kárlovitch Krieger empalhar perfeitamente, Fiódor Kárlovitch Krieger grande mestre de empalhar — repetia Miller, apanhando do chão a bengala e dando-a ao velho.

— Sim, cão empalhado perfeito eu faço — apoiou modestamente o próprio *Herr* Krieger, dando um passo em frente. Era um alemão esgrouviado, magro e virtuoso com o cabelo aos tufos ruivos e óculos no nariz aquilino.

— Fiódor Kárlovitch Krieger grande talento, faz excelente empalhamento — acrescentou Miller, a quem a ideia já começava a entusiasmar.

— Sim, tenho grande talento para qualquer excelente empalhamento — voltou a concordar *Herr* Krieger —, e faço gratuito empalhamento de cãozinho — completou, num acesso de auto-sacrifício generoso.

— Não, eu pago, empalhamento fica conta minha! — gritou Adam Ivánitch Schulz, alterado, duas vezes mais vermelho, ardendo por sua

---

<sup>2</sup> Mas o senhor (al.).

vez de generosidade e considerando, ingenuamente, que era ele a causa de todas aquelas desgraças.

O velho, sempre com todo o corpo a tremer, ouvia tudo aquilo e continuava a não compreender.

— Espere! Beba copo de excelente *gonbaque!* — exclamou Miller, vendo que o enigmático freguês já queria ir-se embora.

Serviram o conhaque. O velho pegou maquinalmente no copo, mas as mãos dele tremiam tanto que, antes de o levar à boca, derramou metade e, sem beber uma gota, voltou a pô-lo na bandeja. Depois esboçou um sorriso estranho, de todo incongruente com a situação, e, num passo irregular e apressado, saiu da confeitaria, deixando lá o *Azorka*. Todos os alemães estavam pasmados; ouviram-se as suas exclamações:

— *Schwernot! Was für eine Geschichte!*<sup>3</sup> — diziam eles, com os olhos esbugalhados.

Eu, entretanto, corri atrás do velho. A alguns passos da confeitaria, se dobrarmos à direita, há uma viela, estreita e escura, com prédios enormes de ambos os lados. Qualquer coisa me sugeriu que o velho teria virado para lá. Aqui, o segundo prédio à direita estava em construção, com andaimes em todas as paredes. O tapume em volta deste prédio chegava quase até ao meio da viela pelo que, ao longo do tapume, foi improvisado um passeio para os transeuntes. Num canto escuro, entre o tapume e o prédio, encontrei o velho. Estava sentado na saliência do passeio de madeira e, com os cotovelos postos nos joelhos, apoiava a cabeça com as mãos. Sentei-me ao lado dele.

— Oiça — disse eu, sem saber quase como começar —, não se aflija com a morte do *Azorka*. Vamos, eu levo-o a casa. Acalme-se. Já vou buscar um carro de praça. Onde mora o senhor?

O velho não respondia. Eu não sabia o que fazer. Não havia transeuntes. De repente, ele agarrou-se à minha mão.

— Sufoco! — disse numa voz rouca, quase imperceptível. — Sufoco!

— Vamos para sua casa! — gritei, levantando-me e soerguendo-o à força. — Bebe chá e deita-se... Eu já trago um carro de praça. Chamo o médico... conheço um doutor...

Não me lembro do que mais lhe dizia. O velho quis levantar-se mas, ao tentar, voltou a cair no chão e a murmurar com a mesma voz rouca, sufocada. Inclinei-me para ele, tentando ouvi-lo.

— Na Ilha Vassilievski — rouquejava o velho —, na Sexta Linha... na Sex-ta Li-nha...

Calou-se.

---

<sup>3</sup> Que desgraça! Que história! (al.).

— O senhor mora na Ilha Vassilievski? Então veio numa direcção errada, tem de ir para a esquerda e não para a direita. Eu já o levo....

O velho não se mexia. Peguei-lhe na mão, caiu como morta. Olhei-lhe para a cara, toquei-lhe — estava morto. Parecia-me que tudo aquilo se passava num sonho.

Esta aventura deu-me muito que fazer e, no decorrer de todas aquelas andanças, a minha febre desapareceu por si. Descobri a casa do velho: afinal não era na Ilha Vassilievski, mas a dois passos do sítio onde morrera, no prédio de Klugen. Era um apartamento individual no quarto andar, um sótão ao rés do telhado que consistia num vestíbulo pequeno e num quarto, de tecto muito baixo, com três fendas em vez de janelas. Vivia em extrema pobreza. De móveis havia apenas uma mesa, duas cadeiras e um divã decrépito, duro como pedra e donde assomava o recheio em muitos sítios; e, afinal, mesmo estes trastes pertenciam ao senhorio. O fogão, pelos vistos, não era aceso havia muito; nem uma vela se encontrou. Penso agora muito seriamente que o velho frequentava a confeitaria do Miller unicamente para se aquecer e olhar para a luz das velas. Na mesa ficara uma caneca de barro vazia e uma côdea velha e dura de pão. Também não se encontrou qualquer dinheiro. Não havia sequer uma muda de roupa com que pudesse ser vestido para o funeral; então, alguém acabou por oferecer uma camisa. Era evidente que o velho não podia ter vivido assim tão sozinho, alguém com certeza o visitava, mesmo que só de vez em quando. Numa gaveta foi encontrado o passaporte dele. O falecido era de origem estrangeira mas súbdito russo, chamava-se Jeremiah Smith, era mecânico e tinha setenta e oito anos de idade. Em cima da mesa havia também dois livros: um pequeno compêndio de geografia e uma tradução russa do Novo Testamento com marcas a lápis e à unha nas margens. Comprei estes livros. Os inquilinos e o senhorio foram interrogados — dos inúmeros inquilinos, quase todos artesãos e alemães que subalugavam as casas com mesa e serventia, ninguém sabia quase nada dele. O administrador, de origem fidalga, também não sabia muito, a não ser que o aluguer do velho era de seis rublos mensais, que vivera na casa quatro meses mas que não pagara a renda dos últimos dois, pelo que o queriam pôr na rua. Foi perguntado: alguém o visitava? Ninguém deu qualquer resposta pertinente a este respeito — o prédio era grande, muita gente passava por aquela Arca de Noé, era impossível lembrarem-se de todos. O guarda-portão, que já ali trabalhava havia cinco anos e que, por certo, poderia esclarecer qualquer coisa, ausentara-se havia duas semanas, indo de visita à terra, deixando como substituto um sobrinho, rapaz novo que ainda não tivera tempo de conhecer metade dos inquilinos. Não sei ao certo

o que resultou de toda esta investigação, mas por fim lá fizeram o funeral ao velho. Durante esses dias, no meio de outros afazeres, fui à Ilha Vassilievski, Sexta Linha, e só quando cheguei lá me ri de mim próprio: o que poderia encontrar na Sexta Linha além daquelas filas de prédios vulgares? «Mas», pensei eu, «por que diabo o velho, antes de morrer, me falou na Sexta Linha e na Ilha Vassilievski? Talvez em delírio?»

Fui ver a casa de Smith, agora vaga, e gostei dela. Aluguei-a. Nela, o principal era o grande quarto, embora de tecto tão baixo que, nos primeiros tempos, andava sempre com a sensação de que ia bater com a cabeça no tecto. Mas não tardei a habituar-me. Aliás, por seis rublos ao mês era impossível arranjar melhor. A privacidade atraía-me; só precisava de arranjar alguém que me servisse, porque sem isso era impossível viver. O guarda-portão prometeu-me que, enquanto não arranjasse criado e em caso de muita necessidade, daria um jeito, pelo menos uma vez por dia. Entretanto, pensava eu: «Sabe-se lá, talvez venha alguém perguntar pelo velho!» Porém, cinco dias após a sua morte ainda não aparecera ninguém.

## Capítulo 2

Naquela altura, precisamente há um ano, ainda eu escrevia artigos para várias revistas e acreditava que viria a escrever uma grande obra, um bom livro. Estava a trabalhar num romance grande, mas acabei por ir parar ao hospital e, pelos vistos, vou morrer em breve. Ora, se vou morrer em breve, por que escrevo estes cadernos?

Porque recordo, involuntária e constantemente, este penoso último ano da minha vida. Quero descrevê-lo e, se não me tivesse inventado este passatempo, creio que morreria de angústia. Todas essas impressões me emocionam, às vezes de modo doloroso, torturante. Na pena, serão mais calmantes, mais regulares, irão parecer-se menos com um delírio, um pesadelo. Assim o entendo. O próprio mecanismo da escrita ajuda: tranquiliza, esfria, desperta em mim os antigos hábitos de escritor, transforma as minhas recordações e os meus sonhos doentios num trabalho concreto, prático... Sim, a ideia foi boa. Ainda por cima, deixarei uma herança ao auxiliar-médico: pelo menos, os meus apontamentos servirão para colar nos caixilhos das janelas duplas quando ele as calafetar no início do Inverno.

De resto, não sei porquê, comecei a minha história pelo meio. Já que decidi escrever tudo, devo começar do princípio. Pois bem, vamos a isso. A minha autobiografia, aliás, é bastante curta.

Não sou de cá, nasci longe, na província de \*\*\* Suponho que os meus pais eram boas pessoas, mas deixaram-me órfão ainda criança, pelo que cresci em casa de Nikolai Serguéitch Ikhmeniov, pequeno proprietário rural que me abrigou por piedade. Nikolai Serguéitch tinha apenas uma filha, Natacha, três anos mais nova do que eu. Crescemos juntos como irmãos. Oh, minha querida infância! Que estúpida é esta saudade e esta pena de ti quando, aos vinte e quatro anos de idade, à beira da morte, só a ti recordo com admiração e agradecimento! Naquele tempo era tão

claro o sol, nada como o de Petersburgo, e os nossos pequenos corações batiam com tanta alacridade e alegria! À nossa volta havia campos e florestas, e não blocos de pedras mortas como hoje. Que divinos eram o jardim e o parque da herdade Vassilievskoe, de que Nikolai Serguéitch era o administrador. Eu e Natacha costumávamos passear no jardim, por trás do jardim havia uma grande floresta húmida onde nós, em crianças, nos perdemos uma ocasião... Tempos dourados, maravilhosos! A vida abria-se diante de nós pela primeira vez, misteriosa e sedutora, e era delicioso conhecê-la. Por trás de cada arbusto, de cada árvore parecia viver alguém misterioso e desconhecido; o mundo dos contos de fadas fundia-se com o mundo real; e quando, ao fim da tarde, se adensava o nevoeiro nos vales profundos e se agarrava, em madeixas desgrenhadas, grisalhas e ondulantes, aos arbustos que manchavam as costelas pedregosas da nossa ravina grande, eu e a Natacha, à beira da ravina, de mãos dadas, espreitávamos com tímida curiosidade para baixo, à espera de que, de um momento para o outro, alguém subisse ao nosso encontro do fundo da ravina ou vozeasse no meio da neblina, e então as histórias fantásticas da nossa ama-seca verificar-se-iam uma verdade verdadeira e legítima. Muito mais tarde, recordei com Natacha como, quando arranjaram para nós a *Leitura para as Crianças*<sup>4</sup>, fugimos de imediato para o jardim e fomos até ao lago artificial onde, sob um ácer velho e frondoso, estava o banco verde, o nosso preferido, e sentámo-nos a ler *Afonso e Dalinda*<sup>5</sup>, uma novela fantástica. Ainda hoje não consigo lembrar-me desta novela sem um estranho aperto no coração e, quando há um ano lembrei a Natacha as duas primeiras linhas: «Afonso, o herói da minha novela, nasceu em Portugal; Dom Ramiro, seu pai...» etc., por pouco não chorei. Devo ter feito um ar muito estúpido, por isso Natacha esboçou um sorriso estranho em resposta ao meu enlevo. É verdade que logo se arrependeu (lembro-me) e, para me consolar, pôs-se também a recordar o nosso passado. Depois, palavra atrás de palavra, ela própria ficou comovida. Foi uma noite tão boa! Recordámos tudo: o dia em que me mandaram para o internato do centro provincial — meu Deus, como ela chorava! —, e a nossa última despedida, quando eu já saía definitivamente de Vassilievskoe. Já terminara o curso no internato e ia para Petersburgo, onde me prepararia para entrar na universidade. Eu tinha então dezassete anos e Natacha catorze. Natacha diz que eu, naquela altura, era desajeitado, esgrouviado, que era impossível olhar-se para

---

<sup>4</sup> *Leitura para o Coração e a Razão das Crianças*, revista literária editada na Rússia entre 1785-1789. (NT)

<sup>5</sup> Novela didáctica *Alphonse et Dalinde, ou la féerie de l'art et de la nature*, de M.<sup>me</sup> De Genlis, traduzida para o russo por Nikolai Karamzin. (NT)

mim sem rir. No momento da despedida chamei-a de parte para lhe dizer uma coisa importantíssima, mas a minha língua ficou de repente paralisada. Natacha lembra-se de que eu estava muito emocionado. A nossa conversa, evidentemente, foi um desastre: eu não sabia o que lhe dizer, ela era capaz de não me compreender. Limitei-me a chorar de amargura e parti sem chegar a dizer-lhe nada. Voltámos a encontrar-nos muito tempo depois, em Petersburgo. Foi há dois anos, quando o velho Ikhmeniov veio cá tratar do seu processo litigioso e eu acabava de dar um salto na profissão de literato.

## Capítulo 3

Nikolai Serguéitch Ikhmeniov provinha de uma família boa mas empobrecida havia muito. Aliás, herdara dos pais uma boa propriedade, com cento e cinquenta almas<sup>6</sup>. Aos vinte anos resolveu ir para o serviço militar, para os hussardos. Tudo corria bem até que, no sexto ano do seu serviço, numa noite azarenta, lhe aconteceu perder às cartas toda a sua fortuna. No dia seguinte sentou-se de novo à mesa de jogo e apostou o cavalo — a última coisa que lhe restava. Saiu-lhe uma carta feliz, depois outra, depois outra; meia hora depois já tinha recuperado uma das suas aldeias, Ikhmeniovka, onde havia, segundo o último recenseamento, cinquenta almas. Resolveu pôr um ponto final naquela vida e, logo no dia seguinte, pediu a passagem à reserva. Tinha perdido cem almas irremediavelmente. Dois meses depois passava à reserva com a patente de tenente e foi viver para a sua aldeia. Daí para o futuro nunca mais falou da sua perda ao jogo e, apesar da sua lendária bonomia, seria capaz de se zangar seriamente se alguém lhe falasse disso. Na aldeia dedicou-se aplicadamente à agricultura e, já com trinta e cinco anos, casou-se com uma fidalga pobre, Anna Andréevna Chumílova, menina sem qualquer dote mas que fora educada no internato das meninas nobres dirigido pela imigrada Mont-Revêche, facto de que se ia orgulhar muito toda a vida, embora ninguém conseguisse perceber em que consistia essa educação. Nikolai Serguéitch tornou-se um excelente proprietário rural, ao ponto de os senhores da vizinhança aprenderem muito com ele. Passaram-se alguns anos até que, de repente, chegou de Petersburgo para uma herdade vizinha, a aldeia Vassilievskoe, o proprietário desta,

---

<sup>6</sup> «Almas» são servos da gleba do sexo masculino, propriedade, juntamente com a família, de determinado senhor da terra. (NT)

príncipe Piotr Aleksândrovitch Valkóvski. A chegada do príncipe provocou uma impressão bastante forte em toda a vizinhança. Era um homem não muito jovem mas que estava longe de ser velho, com uma graduação bastante alta, conhecimentos importantes na sociedade, bem apessoado, com fortuna e, para cúmulo, viúvo, factor particularmente interessante para as senhoras e meninas de todo o distrito. Falava-se de uma brilhante recepção que lhe fora feita no centro provincial pelo próprio governador, parente dele, ao que parece; de que as senhoras da cidade «enlouqueceram com as amabilidades dele», etc., etc. Enfim, era um daqueles representantes da alta sociedade de Petersburgo que raramente aparecem na província, mas que, quando aparecem, produzem um efeito extraordinário. O príncipe, no entanto, não era pessoa amável, sobretudo no trato com aqueles de quem não precisava e a quem considerava inferiores a si. Não se dignou apresentar-se aos seus vizinhos do campo, fazendo assim, de imediato, muitos inimigos. Por isso toda a gente se surpreendeu muito quando o príncipe se lembrou de fazer uma inesperada visita a Nikolai Serguéitch. Também é verdade que Nikolai Serguéitch era um dos vizinhos mais próximos do príncipe. Em casa dos Ikhmeniov, o príncipe causou forte impressão. Fascinou rapidamente ambos os donos da casa; Anna Andréevna, então, ficou encantada. Pouco tempo depois, o príncipe Valkóvski já ia a casa deles todos os dias, sem quaisquer cerimónias, já os convidava para sua casa, dizia piadas, contava anedotas, tocava no imprestável piano dos Ikhmeniov, cantava. Os Ikhmeniov não paravam de se admirar: como era possível dizerem de um homem tão querido e simpático que era orgulhoso, arrogante, egoísta, enfim, tudo de que o apelidavam em coro todos os vizinhos? É de pensar que o príncipe tenha realmente gostado de Nikolai Serguéitch, um homem simples, frontal, desinteressado e nobre. Aliás, tudo se esclareceu rapidamente. O príncipe deslocara-se a Vassilievskoe para correr com o seu administrador, um alemão imoral, cheio de ambições, agrónomo, dotado de uma respeitável cabeleira branca, óculos e nariz aquilino, mas que, apesar de todos estes atributos, roubava desavergonhada e impunemente e, mais grave ainda, foi responsável pela morte de vários mujiques. Este Ivan Kárlovitch foi finalmente apanhado em flagrante e desmascarado. Ficou muito ressentido, discursou prolixamente sobre a honestidade alemã, mas, apesar disso, foi expulso e com certa desonra. O príncipe precisava de um administrador e a sua escolha recaiu sobre Nikolai Serguéitch, excelente dono da sua propriedade e homem honestíssimo, sobre quem, evidentemente, não havia quaisquer dúvidas. Parece que o príncipe gostaria muito que Nikolai Serguéitch tomasse a iniciativa

de se oferecer para seu administrador, mas tal não sucedeu, e o príncipe, uma bela manhã, fez-lhe a sua proposta de forma muito amigável e encarecida. De início, Ikhmeniov recusou; porém, o ordenado considerável seduziu Anna Andréevna, e as redobradas amabilidades do príncipe dissiparam as restantes hesitações. O príncipe conseguiu o que queria. É de deprender que seria um grande conhecedor das pessoas. Durante o curto período em que privou com Ikhmeniov conseguiu conhecer perfeitamente o tipo de pessoa com quem lidava e perceber que apenas era possível lidar com ele de maneira amigável e cordial, que era necessário falar-lhe ao coração e que, sem isso, o dinheiro não seria muito eficaz. Ora, o príncipe precisava de um administrador em quem pudesse confiar cega e duradouramente, para poder nunca mais visitar Vassilieskoe, como efectivamente planeava. Fascinou Ikhmeniov de tal maneira que este acreditou sinceramente na amizade dele. Nikolai Serguéitch era um daqueles homens bondosos e ingenuamente românticos que fazem tão bem à nossa Rússia, digam o que disserem deles, e que, se gostarem de alguém (às vezes nem se percebe porquê), se entregam a essa pessoa com toda a alma, chegando por vezes a ser cómicos na sua afeição.

Passaram-se muitos anos. A herdade do príncipe florescia, não havia o mais pequeno problema entre o proprietário de Vassilievskoe e o administrador, limitando-se essas relações, aliás, à seca correspondência prática. O príncipe, sem se intrometer na administração exercida por Nikolai Serguéitch, dava-lhe por vezes conselhos que espantavam Ikhmeniov pelo seu carácter incrivelmente sensato e prático. Era evidente que o príncipe não só não gostava de despesas a mais como sabia acumular dinheiro. Uns cinco anos depois da sua visita a Vassilievskoe, mandou a Nikolai Serguéitch uma procuração para a compra de uma outra excelente propriedade com quatrocentas almas, na mesma província. Nikolai Serguéitch estava entusiasmado; como se fosse irmão do príncipe, tomava a peito os seus êxitos, o que se dizia sobre a sua sorte, sobre como subira na vida. O seu entusiasmo atingiu um grau tão alto que o príncipe lhe manifestou, de facto, a sua confiança extraordinária. Aconteceu o seguinte... De resto, acho necessário mencionar aqui alguns pormenores da vida deste príncipe Valkóvski, uma das personagens principais da minha história.

## Capítulo 4

Mencionei já que o príncipe era viúvo. Casara na sua primeira juventude, por dinheiro. Dos pais, que se arruinaram por completo em Moscovo, não recebera quase nada. Vassilievskoe estava hipotecada e re-hipotecada; as dívidas eram enormes. O príncipe, de vinte e dois anos, obrigado a trabalhar em Moscovo num escritório qualquer, não tinha um tostão, entrando na vida como «um pobretão, descendente de antiga linhagem». Desenvencilhou-o o casamento com a filha, já fora de prazo, de um comerciante concessionário do Estado. O concessionário, é claro, aldrabou-o no dote; mesmo assim, com o dinheiro da mulher era possível desempenhar a herdade dos pais e erguer a cabeça. A filha do comerciante que lhe calhara em sorte mal sabia escrever, não dizia coisa com coisa e era uma mulher sem graça. Tinha uma única e importante qualidade: era bondosa e submissa. O príncipe aproveitou-se em pleno desta virtude da mulher: um ano depois do casamento, deixou em Moscovo a esposa, que acabara de dar à luz o seu filho, aos cuidados do pai concessionário, e foi para a província de \*\*\* trabalhar no serviço público, onde conseguiu um cargo bastante importante, graças à protecção de um seu emérito parente de Petersburgo. Valkóvski ansiava com toda a alma por se destacar, por fazer carreira, por subir na vida, e começara a carreira na província — com a perspectiva de arranjar melhor no futuro — quando concluíra que não podia viver com a mulher em Petersburgo nem em Moscovo. Dizem que, logo no primeiro ano de vida com a mulher, por pouco não dera cabo dela ao tratá-la com brutalidade. Este era um boato que indignava sempre Nikolai Serguéitch, defensor ardoroso do príncipe, dizendo que o príncipe era incapaz de cometer qualquer ignomínia. Ora, sete anos passados, a princesa finalmente morreu, e o viúvo mudou-se,

de imediato, para Petersburgo. Ali, causou uma certa sensação. Era ainda jovem, bonitão, com uma boa fortuna e qualidades brilhantes — era espirituoso, tinha bom gosto e um inesgotável carácter alegre —, e não apareceu como se almejasse a sorte ou a protecção de alguém, mas sim de modo bastante independente. Diziam que, efectivamente, havia nele qualquer coisa de atractivo, de cativante, qualquer coisa forte. As mulheres gostavam muito dele, e um caso que teve com uma das beldades aristocráticas deu-lhe uma fama escandalosa. Apesar de um calculismo inato que chegava até à avareza, esbanjava dinheiro sem contar, perdia às cartas com quem era preciso perder e não se preocupava mesmo que as perdas fossem enormes. Porém, não eram os divertimentos que ele tinha ido procurar a Petersburgo: o que ele precisava era de abrir definitivamente o caminho e consolidar a sua carreira. Conseguiu-o. O conde Naínski, seu emérito parente, que nem sequer lhe teria prestado atenção se o príncipe aparecesse diante dele pedindo-lhe simplesmente ajuda, ao ficar impressionado com os seus êxitos na alta sociedade, achou possível e conveniente dar-lhe uma atenção especial, honrando-o, inclusive, com a proposta de acolher em sua casa o filho do príncipe, de sete anos, como educando. Foi nesta altura que o príncipe visitou Vassilievskoe e conheceu os Ikhmeniov. Por fim, obtendo por recomendação do conde Naínski um cargo bastante alto numa das mais importantes embaixadas, o príncipe foi para o estrangeiro. A partir de então começaram a correr sobre ele rumores um pouco obscuros: falava-se de um incidente desagradável que tivera no estrangeiro, mas ninguém sabia explicar do que se tratava. Ao certo, apenas se sabia que comprara quatrocentas almas, o que já mencionei. Voltou do estrangeiro passados muitos anos, depois de ter atingido uma alta graduação no serviço, e foi logo ocupar um cargo importante em Petersburgo. Em Ikhmeniovka corriam rumores de que o príncipe ia casar-se em segundas núpcias, ligando-se a uma casa nobre, rica e influente. «Será um magnata!», dizia Nikolai Serguéitch, esfregando as mãos de prazer. Eu, naquela altura, estava em Petersburgo, na universidade, e lembro-me de que Ikhmeniov me escreveu propositadamente a pedir que me informasse sobre se os boatos do casamento correspondiam à verdade. Também escreveu ao príncipe a pedir-lhe protecção para mim; esta carta, porém, ficou sem resposta. Eu sabia apenas que o filho dele, educado primeiro em casa do conde e depois no liceu, acabara naquela altura o curso e tinha dezanove anos. Foi isso que escrevi aos Ikhmeniov, acrescentando que o príncipe gostava muito do filho, que o mimava e que preparava o futuro dele. Soubera tudo isto da parte dos meus

colegas universitários que conheciam o jovem príncipe. Também nesta altura Nikolai Serguéitch recebeu do príncipe uma carta que o espantou sobremaneira...

O príncipe que, como já mencionei, até então resumia as relações com Nikolai Serguéitch a uma correspondência seca e prática, escrevia-lhe agora de forma pormenorizada, sincera e amigável sobre uma circunstância da sua vida familiar: queixava-se do filho, dizendo que este o amargurava com a sua má conduta; que, embora não pudesse levar muito a sério as traquinices de um rapaz tão novo (tentava, pelos vistos, justificar o comportamento do filho), resolvera castigar o filho, assustá-lo, ou seja: exilá-lo por algum tempo para a aldeia, ficando sob a vigilância de Ikhmeniov. O príncipe escrevia que confiava plenamente «no seu bondosíssimo e nobilíssimo Nikolai Serguéitch e, sobretudo, em Anna Andréevna», e pedia que aceitassem na sua família o seu doidivanas, que o chamassem à razão, que, se possível, gostassem dele, mas, antes de mais, lhe corrigissem o carácter leviano e «lhe incutissem regras rigorosas, salvadoras e extremamente necessárias na vida humana». É evidente que o velho Ikhmeniov deitou mãos à obra com entusiasmo. Apareceu o jovem príncipe; receberam-no como se fosse filho deles. Nikolai Serguéitch não tardou a afeiçoar-se a ele de todo o coração, gostando tanto dele como da sua própria filha Natacha; mesmo mais tarde, depois da ruptura definitiva entre o príncipe-pai e Ikhmeniov, o velho recordava com alegria o seu Aliocha — assim se habituara a chamar ao jovem príncipe Aleksei Petróvitch. Na verdade, era um rapaz muito querido: bonito, fraco e nervoso como uma mulher, mas ao mesmo tempo divertido e ingénuo, com uma alma aberta e capaz de sentimentos nobres, com um coração cheio de amor, verdadeiro e grato — e tornou-se o ídolo da família Ikhmeniov. Apesar dos seus dezanove anos era ainda criança de todo. Era difícil imaginar por que razão o pai, que segundo se dizia o adorava, o quisera exilar. Dizia-se que o jovem levava em Petersburgo uma vida ociosa e leviana, que não queria entrar para o serviço público e que, com isso, entristecia o pai. Nikolai Serguéitch não perguntava a Aliocha qual o verdadeiro motivo para o príncipe Piotr Aleksândrovitch expulsar o filho. Corriam rumores sobre uma estouvadice de Aliocha, sobre um caso com uma senhora qualquer, sobre um desafio para duelo e uma perda inimaginável ao jogo; chegou mesmo a falar-se de uns dinheiros que ele, supostamente, teria gasto. Corria também o boato de que o príncipe não expulsara o filho porque ele fosse culpado de alguma coisa, mas por razões egoístas. Nikolai Serguéitch rejeitava este boato com indignação, até porque Aliocha gostava muito do pai que não conhecera durante toda a sua

infância e adolescência; falava dele com admiração e entusiasmo e era visível que estava sob a sua completa influência. Às vezes Aliocha também falava de uma condessa qualquer que ele e o pai namorisavam, tendo Aliocha levado a melhor, o que enraivecera terrivelmente o pai. Contava sempre esta história com enlevo, com uma ingenuidade infantil, com risos sonoros e alegres; Nikolai Serguéitch, porém, mandava-o calar imediatamente. Aliocha também confirmava o rumor de que o seu pai queria casar-se.

Exilado havia quase um ano, Aliocha continuava a mandar cartas respeitáveis e sensatas ao pai; por fim, habituou-se de tal maneira a Vassilievskoe que, quando o príncipe seu pai chegou para passar o Verão na aldeia (tendo avisado previamente Ikhmeniov), o exilado pediu-lhe autorização para ficar o mais tempo possível em Vassilievskoe, afirmando que a vida rural era a sua verdadeira vocação. Todas as decisões e afeições de Aliocha eram determinadas pela extraordinária sensibilidade do seu sistema nervoso, pelo seu coração cáldo e pela sua leviandade que, por vezes, atingia a absurdez; eram determinadas pela sua extrema capacidade de se submeter a quaisquer influências exteriores e à ausência absoluta de força de vontade. O príncipe, no entanto, ouviu o seu pedido com desconfiança... Nikolai Serguéitch, no geral, não reconhecia o seu antigo «amigo»: o príncipe Piotr Aleksândrovitch mudara muito. Tornou-se, de súbito, muito exigente para com Nikolai Serguéitch; na verificação das contas da propriedade manifestava uma avidez e uma avareza repugnantes, e uma desconfiança incompreensível. Tudo isto amargurou muito o bondosíssimo Ikhmeniov que, durante muito tempo, nem queria acreditar. Passava-se tudo ao contrário do que acontecera na anterior visita de Piotr Aleksândrovitch a Vassilievskoe, catorze anos antes: desta vez, o príncipe travava conhecimento com todos os vizinhos — todos os importantes, é claro; quanto a Nikolai Serguéitch, nunca o visitava e tratava-o como subordinado. Surgiu então, de súbito, o inexplicável: a ruptura furiosa entre o príncipe e Nikolai Serguéitch, sem qualquer causa visível. Houve quem tivesse ouvido as palavras exaltadas e insultuosas de ambas as partes. Ikhmeniov, indignado, saiu de Vassilievskoe, mas a história não se ficou por aí. Espalhou-se por toda a vizinhança um boato abominável. Dizia-se que Nikolai Serguéitch, ao aperceber-se do carácter do jovem príncipe, tentou aproveitar-se das fraquezas deste; que a sua filha Natacha (na altura já com dezassete anos), conseguira despertar paixão no jovem de vinte anos; que o pai e a mãe apoiavam este namoro, embora fingindo não darem por nada; que Natacha, manhosa e «imoral», acabara por enfeitiçar por completo o jovem que, durante todo o ano, não olhava (graças às artes dela) para nenhuma menina

verdadeiramente nobre, dessas numerosas meninas que amadureciam nas casas dos senhores vizinhos. Dizia-se, por último, que os amantes já tinham combinado casar-se a quinze verstás de Vassilievskoe, na aldeia de Grigóriev, pretensamente às escondidas dos pais de Natacha, apesar de estes estarem ao corrente de todos os pormenores do plano e instruírem Natacha com conselhos ignóbeis. Enfim, não chegaria um livro para descrever tudo o que as comadres distritais de ambos os sexos coscuvilhavam a este respeito. Mas o mais espantoso era o facto de o príncipe ter acreditado por completo nas atoardas e, inclusive, se ter deslocado a Vassilievskoe unicamente por causa disso, em consequência de uma denúncia anónima remetida da província para Petersburgo. É claro que quem conhecesse minimamente Nikolai Serguéitch não poderia acreditar numa única palavra destas acusações; no entanto, como é hábito nestes casos, toda a gente se azafamava, todos comentavam, todos acusavam, todos abanavam as cabeças e... condenavam irrevogavelmente. Ora, Ikhmeniov era demasiado orgulhoso para ilibar a sua filha perante as comadres e proibiu rigorosamente que Anna Andréevna entrasse em quaisquer esclarecimentos com os vizinhos. Quanto à tão caluniada Natacha, um ano depois ainda não sabia nada dessas calúnias e bisbilhotices: escondiam-lhe cuidadosamente toda a história e ela vivia na alegria e inocência de uma criança de doze anos.

Entretanto, o conflito não parava de agravar-se. Houve pessoas prestimosas que não ficaram de braços cruzados. Apareceram delatores e testemunhas, e chegaram a convencer o príncipe de que a administração de Vassilievskoe por parte de Nikolai Serguéitch estava longe de ter sido exemplar. Mais ainda: afirmavam que, três anos atrás, na venda de um bosque, Nikolai Serguéitch se apropriara de doze mil rublos de prata e que era possível apresentar provas claras e legítimas disso ao tribunal, com a agravante de que, para realizar este negócio, Nikolai Serguéitch não tinha qualquer procuração legal do príncipe, agindo por critério próprio, só posteriormente convencendo o príncipe da necessidade da venda e entregando-lhe uma importância muito inferior ao preço de venda do bosque. É claro que se tratava tão-só de calúnias, como viria a verificar-se mais tarde, mas o príncipe acreditou e, na presença de testemunhas, chamou ladrão a Nikolai Serguéitch. Ikhmeniov não lhe perdoou e respondeu-lhe com um insulto igualmente grave. Foi uma cena terrível. Começou de imediato um processo judicial. Nikolai Serguéitch, pela falta de certos papéis mas, sobretudo, porque não tinha protectores nem experiência destes processos, começou rapidamente a perder o litígio. A sua herdade foi penhorada. O velho, irritado, abandonou tudo e resolveu, por fim, mudar-se para Petersburgo para tratar pessoalmente do caso,

deixando os seus assuntos na província entregues a um solicitador experiente. Parece que o príncipe não tardou a compreender que insultara Ikhmeniov injustamente. Porém, o insulto mútuo era tão grave que não havia hipóteses de conciliação, e o príncipe, raivoso, fazia todos os esforços para virar o caso a seu favor, ou seja, no fundo, para tirar ao seu antigo administrador a última fatia de pão.